

Homilia da Festa da Sagrada Família – Ano C

Queridos irmãos e irmãs, celebramos hoje a Festa da Sagrada Família, dentro das celebrações das Oitavas de Natal. Nesta Festa, cada família deve ter diante de si o ícone da Sagrada Família de Nazaré, e a exemplo de Maria, conforme afirma o Santo Padre o Papa Francisco, “as famílias são exortadas a viver, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus.” (Amoris Laetitia, n.30).

Somos chamados no dia de hoje, a refletir sobre o amor no relacionamento conjugal e familiar. Conforme a exortação Amoris Laetitia, o amor é a atitude que precisa permear esses relacionamentos, amor que se expressa no serviço, no perdão, no desprendimento, na ternura, na capacidade de alegrar-se com o outro, no confiar, no suportar os desafios, as fadigas, as tensões e os sofrimentos no dia a dia.

O Livro do Eclesiástico de onde nos vem a 1ª leitura de hoje, é um livro sapiencial e que, como todos os livros sapienciais, pretende apresentar uma reflexão de caráter prático sobre a arte de bem viver e de ser feliz.

O autor recomenda aos filhos tanto jovens como adultos, uma série de indicações práticas que devem ter em conta nas relações com os pais. Porém, uma palavra se sobressai: o verbo “honrar”. O texto nos leva ao decálogo do Sinai (Êx 20,12) – “Honrar pai e mãe.” Aparece-nos aqui o sentido de “dar glória”. Dar glória a uma pessoa é dar-lhe toda a sua importância: dar aos pais, honrá-los é, assim, reconhecer a sua importância como instrumentos de Deus, fonte de vida. Reconhecer que os pais são a fonte, através da qual Deus nos dá a vida, deve conduzir à gratidão; e essa gratidão tem consequências a nível prático. Implica ampará-los na sua velhice e não os desprezar nem abandonar; implica assisti-los materialmente – sem inventar qualquer desculpa – quando já não podem trabalhar (Mc 7,10-11); não fazer nada que os desgoste; escutá-los, ter em conta as suas orientações e conselhos; ser indulgente principalmente para com as limitações que a idade traz. Dado o contexto da época em que o Eclesiástico escreve, é natural que, por detrás destas indicações aos filhos, esteja também a preocupação com o manter bem vivos os valores tradicionais, esses valores que os mais antigos preservam e que passam aos jovens. Como recompensa desta atitude de “honrar”

os pais, o Livro do Eclesiástico nos traz a promessa do perdão dos pecados, a alegria, a vida longa e a atenção de Deus e, nos ajuda na necessidade de humanização de nossa vida familiar, para que sejamos também solidários as necessidades de tantas outras famílias que vivem em condições precárias.

O Evangelho de hoje é o final do “Evangelho da infância” de Lucas. Sabemos que a finalidade do “Evangelho da Infância” não é fazer uma reportagem sobre os primeiros anos da vida de Jesus, mas sim fazer uma catequese sobre Jesus; diz-se quem é Jesus e apresentam-se algumas coordenadas teológicas que serão ser desenvolvidas no restante do Evangelho.

Lucas, no v. 41, apresenta uma informação geográfica importante, o deslocamento da Sagrada Família de Nazaré (ou da Galileia) para Jerusalém. A peregrinação anual a Jerusalém faz parte da Lei judaica que diz que cada judeu deveria peregrinar três vezes ao ano a Jerusalém para celebrar as grandes festas: a Páscoa, Pentecostes e a Festa das Cabanas. Jesus tem doze anos e, de acordo com nosso texto, foi com Maria e José a Jerusalém celebrar a Páscoa. É neste ambiente de Jerusalém e do Templo que Lucas situa as primeiras palavras pronunciadas por Jesus no Evangelho. Lucas não nos oferece nenhum detalhe sobre o que realmente ocorreu ou como foi possível não notar a ausência do Filho na caravana de volta para Nazaré, dado que, provavelmente, a intenção do autor era realçar a preocupação dos pais ao perceberem a porta do Filho. Jesus só é encontrado três dias depois no Templo por seus pais e, está sentado no meio dos mestres com a admiração de todos. Os versículos 46-47 revelam Jesus na sua dimensão de mestre, ungido pelo Espírito Santo e cheio de sabedoria.

Ao encontrar seu Filho, Maria expõe sua preocupação e a de José diante da ausência de seu Filho. Temos a seguir o diálogo de Jesus com seus pais: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?” Jesus apresenta sua identidade e missão, ao se revelar como Filho de Deus e ao exprimir sua total disponibilidade à vontade do Pai. A cena do encontro de Maria com o filho é descrita de maneira simples, com um tom semelhante ao daquelas situações em que pais aflitos encontram os filhos supostamente perdidos, nas quais há uma mistura de preocupação, angústia, cuidado, “raiva”, como forma de desabafar o desespero que os sufocavam. Percebe-se, porém, que se trata de família que vive as exigências de sua vocação específica e, dialogando, tenta discernir a vontade de Deus diante dos

acontecimentos cotidianos. Apesar da incompreensão da atitude de Jesus, Maria não fica indiferente a esse mistério e o guarda no coração. A relação de Jesus com seus pais era uma relação de amor e obediência, mas o mistério que envolvia Jesus revela o coração de Maria como o coração modelo de todos os discípulos, pois, apesar de não entender o alcance dos segredos de Deus, ela conservava todas essas coisas no coração, assimilando, assim, o projeto de Deus sem oferecer resistência. Note-se que o Evangelho de Lucas permanece fiel à sua finalidade de revelar a verdadeira identidade de Jesus somente depois da ressurreição.

Os versículos finais do Evangelho mostra que Jesus voltou com seus pais a Nazaré e era submisso a eles, vivendo conforme a Lei de Deus e cumprindo os mandamentos, sobretudo o de “honrar pai e mãe” como o texto da 1ª leitura. Apesar do contraste com a cena precedente e da consciência de Jesus de sua filiação divina, estes últimos versículos nos mostram realmente que o Filho de Deus assume a condição humana e o processo normal de crescimento. Lucas descreve Jesus adolescente, que progride em sua maturidade humana, física e espiritual. Também confirma o que lemos na 1ª leitura, ou seja; aquele que é obediente aos pais e os trata com respeito receberá as bênçãos de Deus. O termo graça pode ser também traduzido por amor, caridade ou bondade, que conforme nossa 2ª leitura, é o vínculo da perfeição.

A nossa 2ª leitura é parte da Carta aos Colossenses, Paulo chamará a atenção da comunidade, de que como batizados o cristão é chamado a revestir-se do homem novo, pois, amados por Deus, deve se revestir de sua graça, e como homens recriados por Cristo, deve sempre levar uma vida nova.

Deus nos escolhe, nos santifica e nos ama. Como é belo este amor de Deus por nós, principalmente se lembrarmos de levarmos em conta que tudo isso acontece sem merecimento algum de nossa parte. Deste amor de Deus por nós que devem decorrer de nossa parte gestos concretos em relação à família e a comunidade. O texto nos exorta e convida a nos vestirmos de sentimentos de compaixão, de amor, ou seja, bondade, humildade, mansidão e paciência. Seremos capazes de nos suportarmos e perdoarmos a exemplo do próprio Senhor, que nos perdoou. Não é supérfluo lembrar que o Senhor nos perdoou, redobrando o amor para conosco através do serviço total que terminou na entrega total, na cruz. Por isso Paulo vai dizer que a veste do

cristão deve ser o amor, pois o amor total é o laço da perfeição. Amar até quem não nos ama, pois foi assim que fez o Senhor. Essas exigências resultam de uma relação íntima do cristão com Cristo, viver em Cristo, significa viver como Ele, no amor total, no serviço, na disponibilidade e no dom da vida. Uma vez apresentado o ideal da vida cristã nas suas linhas gerais, Paulo aplica o que acabou de dizer à vida familiar. Às mulheres, recomenda o respeito para com os maridos; aos maridos, convida a amar as esposas, evitando o domínio tirânico sobre elas; aos filhos, recomenda a obediência aos pais; aos pais, com intuição pedagógica, pede que não sejam excessivamente severos para com os filhos, pois isso pode impedir o desenvolvimento normal das suas capacidades. É desta forma que, no espaço familiar, se manifesta o homem novo, o homem que vive segundo Cristo.

Queridos irmãos e irmãs, por diversas vezes ouvir pessoas dizerem que a Família é um instituição falida. Nós sabemos que a família é a base de uma sociedade, é onde aprenderemos princípios para uma boa convivência religiosa, social e cultural. Negar a função da família na sociedade é negar as tradições que os antigos querem nos passar. É formar uma sociedade sem uma base sólida, criando um individualismo onde o mais importante sou eu e mais ninguém. Como cristãos, devemos sempre combater tais ideias para possamos vencer o mal que se espalha através das mídias sociais, das ideias liberais, dos individualismos que buscam afastar cada vez mais o homem do convívio social.

Que a Sagrada Família de Nazaré, abençoe e proteja nossas famílias e nos ajude a sermos verdadeiras testemunhas da vida nova que Deus Pai nos dá de presente através de seu Filho Jesus.

ASSIM SEJA